

SEMANA

43

# 1

## Dia

Lucas 21.5-9

### O Perigo do Engano

Devemos observar nestes versículos as afirmativas de nosso Senhor em referência à destruição do templo. Somos informados que *“falavam alguns a respeito do templo, como estava ornado de belas pedras e de dádivas”*. Exaltavam-no por causa de sua beleza exterior; admiravam seu tamanho, sua grandeza arquitetônica e sua riquíssima decoração. No entanto, não receberam qualquer resposta positiva de nosso Senhor. Ele disse: *“Vedes estas coisas? Dias virão em que não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada”*.

Existe uma profecia surpreendente nas palavras de Jesus. É difícil imaginar quão estranhas e alarmantes elas pareceram aos judeus que as ouviram. Foram proferidas a respeito de uma construção que os judeus reverenciavam com veneração idólatra e de um edifício que continha a Arca da Aliança, o Santo dos Santos e a mobília simbólica, feita de acordo com o modelo apresentado por Deus mesmo. Foi um pronunciamento sobre uma construção associada aos nomes mais proeminentes da história dos judeus - Davi, Salomão, Ezequias, Josias, Isaías, Jeremias, Esdras e Neemias. Jesus as pronunciou em referência a um edifício em direção ao qual todo judeu piedoso curvava sua frente, em qualquer lugar do mundo, quando apresentava suas orações diárias (1 Reis 8.44; Jeremias 2.4; Daniel 6.10). No entanto, foram ditas com sabedoria e tinham o propósito de ensinar a grande verdade de que a verdadeira glória de um lugar de adoração não consiste em beleza externa. *“O SENHOR não vê como vê o homem”* (1 Samuel 16.7). Os homens levam em conta a aparência exterior de um edifício, já o Senhor atenta à adoração espiritual e à presença do Espírito Santo. Estas coisas faltavam completamente no templo de Jerusalém; portanto, o Senhor Jesus Cristo não poderia ter qualquer prazer nele.

Os que professam ser crentes farão bem ao recordar essas palavras de nosso Senhor. Sem dúvida, é adequado e correto que edifícios separados para adoração a Cristo sejam dignos do propósito para o qual são utilizados. Tudo que fazemos para Cristo deve ser bem feito. No prédio em que o evangelho é proclamado, a Palavra de Deus é exposta, orações são dirigidas a Deus e não deve faltar nada que o torne mais agradável e sólido. Porém devemos sempre lembrar que o aspecto material de uma igreja cristã é o menos importante. A elegante combinação de mármore, pedras decoradas, pintura e vidros coloridos é sem valor aos olhos de Deus, a menos que a verdade esteja sendo proclamada do púlpito e a graça de Deus reine no coração dos que ali se reúnem. As covas e cavernas em que os primeiros crentes costumavam se reunir provavelmente eram mais belas aos olhos de Cristo do que a mais bela catedral construída pelos homens. O templo com o qual o Senhor Jesus mais se deleita é um coração quebrantado, contrito e regenerado pelo Espírito Santo.

Também devemos observar nestes versículos a solene advertência de nosso Senhor em referência ao engano. Suas alarmantes palavras sobre o templo causaram em seus discípulos uma importante indagação: *“Mestre, quando sucederá isto? E que sinal haverá de*

*quando estas coisas estiverem para se cumprir?*”. A resposta de nosso Senhor foi longa e completa. Começou com uma penetrante advertência: *“Vede que não sejais enganados”*.

A posição ocupada pela advertência é notável. Encontra-se à frente de uma profecia de alcance vasto e de importância universal para todos os crentes - uma profecia abrangendo desde o próprio dia em que foi pronunciada até à ocasião da segunda vinda de Cristo; uma profecia que revela assuntos de interesse vital para judeus e gentios; uma profecia em que tem muitos aspectos ainda por realizarem-se. A sua primeira sentença é uma advertência contra o engano: *“Vede que não sejais enganados”*.

A necessidade dessa advertência tem sido comprovada frequentemente na história da igreja de Cristo. Talvez em nenhum outro assunto os teólogos cometeram tantos enganos quanto no assunto de interpretação de profecias ainda não cumpridas. Em nenhum outro assunto eles têm demonstrado a fraqueza do intelecto humano e confirmado plenamente as palavras do apóstolo Paulo: *“Agora, vemos como em espelho, obscuramente”* (1 Coríntios 13.12). Dogmatismo, convicções, disputas, obstinação em manter opiniões insustentáveis, afirmações e especulações com frequência têm causado descrédito a todo o assunto de profecias e produzido blasfêmia da parte dos inimigos do cristianismo. Existem muitos livros escritos sobre interpretação de profecias que com justiça poderíamos escrever na página de rosto: *“Quem é este que escurece os meus desígnios com palavras sem conhecimento?”* (Jó 38.2).

Aprendamos da advertência de nosso Senhor a orar por humildade e por disposição de aprender, sempre que estivermos lendo profecias ainda não cumpridas. Neste assunto, assim como em qualquer outro das Escrituras, precisamos de um coração infantil e da oração: *“Desvenda os meus olhos”* (Salmo 119.18). Por um lado, devemos acautelar-nos da indolência ociosa que nos afasta das Escrituras proféticas, por causa de sua dificuldade. Por outro lado, devemos nos acautelar de possuir um espírito dogmático e arrogante que leva as pessoas a esquecerem que são estudantes e a falarem com tanta confiança como se fossem os próprios profetas. Acima de tudo, leiamos as profecias bíblicas tendo a completa convicção de que há bênçãos em estudá-las e que, ao fazê-lo, mais entendimento receberemos a cada ano. A promessa permanece completamente verdadeira: *“Bem-aventurados aqueles que leem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo”* (Apocalipse 1.3). No tempo do fim, a visão será esclarecida (Daniel 12.9).

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 2

## Dia

Lucas 21.10-19

### Perseguição Anunciada de Antemão

Nosso Senhor declara: *“Levantar-se-á nação contra nação, e reino, contra reino; haverá grandes terremotos, epidemias e fome em vários lugares, coisas espantosas e também grandes sinais do céu”*.

Sem dúvida, essas palavras tiveram um cumprimento parcial quando Jerusalém foi invadida pelos exércitos dos romanos e os judeus foram levados em cativeiro. Foi uma ocasião de incomparável ruína para a Judéia e as terras circunvizinhas. Os últimos dias da dispensação judaica foram concluídos por meio de conflitos que resultaram em derramamento de sangue, miséria e aflição incomparáveis a quaisquer outras coisas ocorridas desde a criação do mundo.

Mas a profecia de nosso Senhor ainda terá um cumprimento mais completo. Ela descreve o tempo que precederá a segunda vinda de Cristo. O *“tempo do fim”* será uma época de guerra e não de paz universal. A dispensação cristã findará, assim como a judaica, em meio a guerras, tumultos, desolações e uma queda das autoridades deste mundo, de um modo que os olhos dos homens jamais viram.

Um pleno entendimento destas coisas é muito importante para nossa alma. Nada causa tanto desânimo ao coração do crente e abate a sua fé quanto opiniões acerca de expectativas sem fundamento nas Escrituras. Retiremos de nossa mente a vã ideia de que as nações abandonarão completamente as guerras, antes que Jesus volte novamente. Enquanto Satanás for o príncipe deste mundo e os corações dos homens permanecerem não convertidos, haverá conflitos e lutas. Não haverá paz universal antes do segundo advento do Príncipe da Paz. Naquela época, somente naquela época, os homens não *“aprenderão mais a guerra”* (Isaías 2.4). Cessemos de esperar que os missionários e ministros do evangelho converterão o mundo e ensinarão todos os homens a se amarem mutuamente. Eles jamais o farão; não foram designados para isso. Eles serão instrumentos para chamar um povo constituído de testemunhas que servirão a Cristo em todos os países, mas farão apenas isso. A maior parte da humanidade sempre recusará obedecer o evangelho. As nações continuarão a lutar, contender e guerrear. Os últimos dias da terra serão os seus piores dias. A última guerra será a mais terrível e dolorosa que já assolou o mundo.

O dever de todo crente verdadeiro é claro e simples. Não importa o que os outros fazem, o crente verdadeiro precisa com toda diligência confirmar sua chamada e sua eleição. Enquanto as demais pessoas se ocupam em conflitos nacionais e especulações políticas, o crente tem de buscar com determinação, em primeiro lugar, o reino de Deus. Agindo assim, o crente sentirá que seus pés encontram-se sobre uma rocha, quando os fundamentos do mundo forem abalados e os reinos do mundo, arruinados. Assim como Nóe, o verdadeiro crente estará seguro na arca; estará escondido *“no dia da ira do SENHOR”* (Sofonias 2.3).

Vemos nesta passagem a profecia de Cristo concernente a seus próprios discípulos. Ele não profetizou coisas agradáveis, nem prometeu-lhes um ininterrupto viver com tranquilidade

temporal. Ele afirmou que seus discípulos serão perseguidos, lançados em prisões, comparecerão diante dos governantes, serão traídos, mortos e odiados por todos os homens por causa do nome de Cristo.

Sem dúvida, as palavras da profecia tinham o objetivo de se aplicarem a todas as épocas da História da Igreja. Começaram a se cumprir nos dias dos apóstolos. O livro de Atos dos Apóstolos supre diversas ocorrências em que essas palavras se cumpriram. Durante séculos de história cristã, essa profecia tem se cumprido inúmeras vezes. Onde existem discípulos de Cristo, ali sempre tem ocorrido algum tipo de perseguição. Essas palavras terão um cumprimento mais completo antes do fim do mundo. A última tribulação provavelmente será caracterizada por violência e amargura especiais. Será uma *“grande tribulação”* (Apocalipse 7.14). Tenhamos firmemente gravado em nosso coração o princípio de que o verdadeiro crente sempre terá de entrar no reino de Deus *“por meio de muitas tribulações”* (Atos 14.22). Suas melhores coisas ainda estão por vir. Este mundo não é o nosso lar. Se formos determinados e fiéis servos de Cristo, o mundo com certeza nos odiará, assim como odiou nosso Senhor. De alguma maneira, a graça sempre sofrerá perseguição. Embora demonstre bastante coerência em sua conduta, não cometendo muitos erros, e seja bondoso e amável, o crente não poderá se eximir da aversão do mundo. É tolice ficarmos surpresos por esse fato. É desperdício de tempo murmurar por causa das perseguições. Elas constituem uma parte da cruz que temos de carregar com paciência. Os filhos de Caim odiarão os filhos de Abel, enquanto a terra existir. *“Não vos maravilheis se o mundo vos odeia”*, disse o apóstolo João (1 João 3.13). E nosso senhor afirmou: *“Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia”* (João 15.18- 19).

Por último, esta passagem nos mostra a graciosa promessa de Cristo aos seus discípulos. Ele disse: *“Não se perderá um só fio de cabelo da vossa cabeça”*. Nosso bendito Senhor conhece bem o coração de seus discípulos. Jesus percebeu que a profecia recém-pronunciada poderia desanimá-los. Por isso, fortaleceu-os com uma palavra de encorajamento: *“Não se perderá um só fio de cabelo da vossa cabeça”*.

É uma promessa ampla, abrangente e pertence a todos os crentes de todas as épocas. É impossível ser interpretada de maneira literal. Não pode ser aplicada ao físico dos discípulos. Afirmar isso seria contrário aos fatos evidentes: Tiago e outros dos apóstolos sofreram mortes violentas. Uma interpretação figurada tem de ser atribuída a essas palavras. Elas constituem uma grande afirmativa proverbial. Ensinam que, embora os discípulos de Cristo passem por qualquer tipo de sofrimento, as suas melhores coisas não serão abaladas. Sua vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus. Seu tesouro nos céus é intocável. Sua alma está além do alcance de qualquer dano. E mesmo seu corpo corruptível será ressuscitado e transformado para ser semelhante ao corpo glorioso de seu Senhor, no último dia.

Se conhecemos o verdadeiro cristianismo, confiemos nas palavras da preciosa promessa de Jesus em cada ocasião de necessidade. Se cremos em Cristo, descansemos no confortável pensamento de que Ele empenhou sua palavra, garantindo que nunca pereceremos. Talvez percamos muita coisa por servirmos a Ele, mas nunca perderemos nossa

alma. O mundo pode retirar de um crente seus bens, amigos, propriedades, família, liberdade, saúde e vida. Isso já aconteceu a inúmeras vezes para seguidores de Cristo desde os dias de Estêvão até agora. A lista do nobre exército de mártires é extensa. No entanto, uma coisa o mundo não pode fazer a qualquer crente: remover seu interesse no amor de Cristo. O mundo não pode romper a união que existe entre Cristo e a alma do crente. Com certeza, vale a pena ser um crente dedicado! *“Estou bem certo”,* afirmou o apóstolo Paulo, *“de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor”* (Romanos 8.38,39).

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 3

## Dia

### A Destruição de Jerusalém e a Tribulação de Israel

Lucas 21.20-24

---

O assunto destes versículos é a invasão de Jerusalém pelos romanos. Era conveniente e próprio que esse grande evento, que concluía a dispensação do Antigo Testamento, fosse especialmente descrito por nosso Senhor. Era adequado que os últimos dias daquela santa cidade, que durante muitos séculos havia sido o lugar em que se manifestava a presença de Deus, recebesse atenção especial na maior profecia que já foi entregue à igreja.

Primeiramente, devemos observar nestes versículos o perfeito conhecimento de nosso Senhor. Ele nos apresentou um terrível quadro das misérias que viriam sobre Jerusalém. Quarenta anos antes que os exércitos de Tito sitiassem a cidade, as pavorosas circunstâncias envolvidas no cerco foram detalhadamente descritas. A aflição das mulheres frágeis e desamparadas, o extermínio de milhares de judeus, a dispersão final de Israel para o cativeiro entre todas as nações e a cidade santa pisada pelos gentios durante muitos séculos são coisas que nosso Senhor relatou com muita particularidade, como se as estivesse contemplando com seus próprios olhos.

O conhecimento antecipado é um atributo especial de Deus. Por nós mesmos, não sabemos o que o *“dia de amanhã (...) trará à luz”* (Provérbios 27.1). Anunciar o que acontecerá a uma cidade daqui há quarenta anos está muito além da capacidade humana. As palavras de Isaías são solenes: *“Eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade”* (Isaías 46.9-10). Aquele que poderia falar com autoridade sobre as coisas que aconteceriam, assim como nosso Senhor o fez naquela ocasião, era o próprio Deus e, ao mesmo tempo, homem.

O verdadeiro crente deve sempre ter em mente o perfeito conhecimento de Jesus. As coisas passadas, presentes e futuras se encontram descobertas aos olhos daquele a quem prestaremos contas. A recordação de pecados da juventude pode nos humilhar. A nossa fraqueza no presente talvez nos cause ansiedade. O temor das provações futuras pode desanimar nosso coração. Entretanto, é intensamente consolador pensar que Cristo sabe tudo. Podemos confiar-lhe com segurança as coisas passadas, presentes e futuras. Jamais nos acontecerá algo que Cristo não o saiba há muito tempo.

Em segundo, devemos observar nestes versículos as palavras de nosso Senhor a respeito de fuga em tempos de perigo. No que se referia aos dias anteriores ao cerco de Jerusalém, Ele afirmou: *“Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que se encontrarem dentro da cidade, retirem-se; e os que estiverem nos campos, não entrem nela”*.

A lição destas palavras é bastante instrutiva. Elas nos ensinam com clareza que não existe qualquer covardia ou indignidade em um crente se esforçar para escapar do perigo. Utilizar com diligência os devidos meios para garantir nossa segurança não é inconveniente à nossa sublime vocação. Todo crente tem a incumbência de enfrentar a morte com ousadia e

paciência, se no caminho da providência divina ela o alcançar. Mas cortejar a morte e o sofrimento, apressando-nos, é característico de um fanático e entusiasta, mas não do sábio discípulo de Cristo. Aqueles que utilizam todos os recursos oferecidos por Deus podem esperar confiantemente a sua proteção. Existe uma ampla diferença entre a fé e a presunção.

Em terceiro, devemos observar nestes versículos as palavras de nosso Senhor em referência à vingança. Ele disse, ainda falando sobre o cerco de Jerusalém: *“Porque estes dias são de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito”*.

Existe algo peculiarmente terrível na expressão citada. Ela demonstra que os pecados da nação judaica há muito estavam sendo registrados nos livros de Deus. Por causa de sua incredulidade e impenitência, durante muitos séculos os judeus estiveram acumulando ira contra si mesmos. A ira de Deus, à semelhança de uma represa, acumulou-se silenciosamente por muitos séculos. A terrível tribulação que acompanhou o cerco de Jerusalém seria apenas o desencadeamento de uma tempestade que se formara gradualmente desde a época dos reis. Seria tão somente o golpe de uma espada que por muito tempo esteve sobre a cabeça de Israel.

Faremos bem se guardarmos essa lição em nosso íntimo. Não devemos dar ocasião ao pensamento de que a conduta das nações e de homens ímpios não é observada por Deus. Ele vê e sabe todas as coisas e, por fim, chegará com certeza o dia do acerto de contas. Há uma grandiosa verdade nas Escrituras: *“Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más”* (Eclesiastes 12.14). Nos dias de Abraão, ainda não se havia enchido *“a medida da iniquidade dos amorreus”* (Gênesis 15.16) e quatrocentos anos se passaram antes que recebessem o castigo. Mas finalmente a punição veio, quando Josué e as doze tribos tomaram posse da terra de Canaã. A sentença de Deus contra as obras más nem sempre se executa rapidamente, porém não significa que ela não será executada. O ímpio talvez prospere durante muitos anos, todavia, seu fim será que seu pecado o encontrará (Gênesis 15.16; Eclesiastes 8.11; Salmo 37.35).

Por último, devemos observar nestes versículos as palavras de nosso Senhor em referência aos tempos dos gentios. Ele afirmou: *“Até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles”*.

Aqui nosso Senhor profetizou sobre um tempo específico, durante o qual Jerusalém seria entregue aos governantes gentios e os judeus deixariam de ter autoridade sobre sua antiga cidade. Jesus também profetizou sobre uma época específica, que seria o tempo da visita dos gentios, o tempo durante o qual eles desfrutariam privilégios e ocupariam uma posição semelhante à de Israel no passado. Ambas as épocas um dia terminarão. Jerusalém será novamente restaurada aos seus antigos habitantes. Os gentios, por causa de sua dureza de coração e incredulidade, serão destituídos de seus privilégios e sofrerão o justo juízo de Deus. Mas o tempo dos gentios ainda não acabou. Ainda estamos vivendo este tempo.

Este assunto é muito comovente e deve nos levar a realizar profundas investigações em nosso próprio coração. Enquanto as nações do mundo estão envolvidas em conflitos políticos e interesses mundanos, o seu tempo está esgotando. Enquanto os governantes estão discutindo sobre assuntos seculares e os parlamentares dificilmente se humilham, a fim de



permitir que as coisas espirituais tenham lugar em suas conversas, seus dias estão contados aos olhos de Deus. Em poucos anos, *“os tempos dos gentios”* se completarão. O dia de sua visitação se acabará e perderão seus privilégios mal utilizados. O juízo de Deus cairá sobre eles. Serão colocados de lado como vasos com os quais Deus não se compraz. O domínio dos gentios desaparecerá e suas instituições arrogantes serão despedaçadas. Os judeus serão restaurados. O Senhor Jesus virá novamente em poder e grande glória. Os reinos deste mundo se tornarão os reinos de nosso Deus e de seu Cristo, e *“os tempos dos gentios”* chegarão ao fim.

Feliz é aquela pessoa que sabe essas coisas e vive pela fé no Filho de Deus. É a única pessoa que está preparada para as grandes coisas que sobrevirão à terra e para a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo. O reino ao qual ela pertence é o único que jamais será destruído. O Rei a quem ela serve é o único que nunca será destruído (Daniel 2.44; 7.14).

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 4

## Dia

### A Segunda Volta de Cristo e os Sinais que a Precederão

Lucas 21.25-33

---

O assunto desta parte da grande profecia de nosso Senhor é a sua segunda vinda para julgar o mundo. As expressões fortes da passagem parecem ser inaplicáveis a qualquer acontecimento menos importante do que esse. Limitar estas palavras à tomada de Jerusalém pelos romanos é uma maneira incomum de interpretar a linguagem das Escrituras.

Nesta passagem vemos quão terrível serão as circunstâncias que acompanham a segunda vinda de Cristo. Nosso Senhor disse que *“haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; sobre a terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas; haverá homens que desmaiarão de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo; pois os poderes dos céus serão abalados. Então, se verá o Filho do Homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória”*.

O quadro apresentado é singularmente terrível. Talvez não seja fácil atribuir um significado exato a cada uma de suas partes. Uma coisa, porém, é muitíssimo evidente: a segunda vinda de Cristo será acompanhada por tudo que poderá torná-la alarmante aos sentidos e corações dos homens. Se a entrega da Lei no Sinai foi terrível, a ponto de Moisés dizer: *“Sinto-me aterrado e trêmulo!”* (Hebreus 12.21), ainda mais terrível será o retorno de Cristo, quando Ele vier à terra com poder e grande glória. Se os corajosos soldados romanos *“tremeram espavoridos e ficaram como se estivessem mortos”* (Mateus 28.4), quando o anjo rolou a pedra do sepulcro e Cristo ressuscitou dos mortos, ainda maior terror haverá quando Cristo voltar para julgar o mundo. É lógico que Paulo tenha dito: *“Assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos os homens”* (2 Coríntios 5.11).

O homem imprudente e negligente com razão treme quando ouve falar sobre o segundo advento de Cristo. O que fará esse homem quando os negócios no mundo cessarem repentinamente e seus bens preciosos se tornarem inúteis? O que ele fará quando por todos os lados se abrirem as sepulturas e a trombeta estiver convocando ao julgamento? O que ele fará quando o próprio Jesus, cujo evangelho ele rejeitou de maneira vergonhosa, aparecer nas nuvens dos céus e colocar todos os inimigos debaixo de seus pés? Com certeza ele clamará aos rochedos e aos montes que caíam sobre ele e o encobriam (Oséias 10.8). Mas o fará em vão, se antes nunca invocou a Cristo. Naquele dia, feliz será o indivíduo que já fugiu da ira vindoura, sendo lavado no sangue do Cordeiro. Em segundo, vemos nestes versículos quão plena será a segurança dos verdadeiros crentes na ocasião do segundo advento de Cristo. Nosso Senhor disse aos seus discípulos: *“Ao começarem estas coisas a suceder, exultai e erguei a vossa cabeça; porque a vossa redenção se aproxima”*.

Embora para o incrédulo sejam terríveis os sinais que acompanham a vinda de Cristo, estes sinais não devem causar terror ao coração do verdadeiro crente. Pelo contrário, ele deve encher-se de alegria. Precisa lembrar que sua completa libertação do mundo, do pecado e do diabo está às portas e que em breve ele dirá adeus às enfermidades, tristezas, tentações e

morte. O dia em que o incrédulo perderá tudo será o mesmo em que o crente entrará em sua eterna recompensa. O momento em que as esperanças dos incrédulos desaparecerão será o mesmo em que as esperanças do crente serão trocadas por uma certeza feliz e uma completa possessão.

O servo de Deus deve frequentemente olhar para a segunda vinda de Cristo; assim perceberá que o pensamento sobre aquele dia será um agradável amparo para ele diante das provas e tentações da vida presente. O crente precisa recordar: *“Ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará”* (Hebreus 10.37). Cumprir-se-ão as palavras de Isaías: *“Enxugará o SENHOR Deus as lágrimas de todos os rostos, e tirará de toda a terra o opróbrio do seu povo”* (Isaías 25.8). Uma receita segura para um espírito paciente é esperar pouco deste mundo e estar sempre *“aguardando (...) a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo”* (1 Coríntios 1.7).

Vemos nestes versículos a necessidade de atentarmos aos sinais dos tempos na perspectiva do segundo advento de Cristo. Nosso Senhor nos ensina mais uma lição ao proferir a parábola: *“Vede a figueira e todas as árvores. Quando começam a brotar, vendo-o, sabeis, por vós mesmos, que o verão está próximo”*. Os discípulos, por ignorância, supunham que o reino do Messias seria estabelecido por meio de uma paz universal. Ao contrário, nosso Senhor lhes disse que confusões, guerras, perplexidade e aflição seriam os sinais que precederiam o estabelecimento do reino.

O dever universal que estas palavras estão abordando é muito evidente. Temos de observar com cuidado os acontecimentos públicos do tempo em que vivemos. Não devemos nos absorver com política, mas precisamos estar atentos aos eventos políticos. Não devemos nos transformar em profetas no sentido literal das Escrituras, porém temos de estudar com diligência os sinais de nossa época. Agindo assim, o Dia de Cristo não nos apanhará em completa ignorância.

Vemos alguns desses sinais em nossos dias? No mundo existem algumas circunstâncias que de um modo especial demandam a atenção do crente? Sem dúvida, existem muitas. A queda de grandes impérios, o avivamento do catolicismo romano, o renovado interesse das igrejas evangélicas em pregar o evangelho, o interesse geral na situação dos judeus, a queda de formas de governos e instituições firmes, o surgimento e a propagação de formas sutis de incredulidade - todas essas coisas são sinais peculiares para nossos dias. Devem nos fazer recordar as palavras de nosso Senhor referindo-se à figueira e levar-nos a meditar sobre o texto: *“Eis que venho sem demora”* (Apocalipse 22.7).

Por último, vemos nestes versículos a certeza de que se cumprirão todas as predições de nosso Senhor acerca do segundo advento. Ele estava falando como se estivesse prevendo a incredulidade e descrença do homem no que diz respeito a este importante assunto. Jesus sabia como as pessoas estariam prontas a dizer: *“Isto é improvável, impossível! O mundo continuará sendo o que sempre foi”*. Utilizando palavras solenes, Ele advertiu seus discípulos contra a incredulidade: *“Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão”*.

Seremos abençoados se recordarmos a advertência de Jesus sempre que estivermos na companhia daqueles que escarnecem de profecias ainda não cumpridas. Não devemos

permitir que nossa fé seja abalada por aqueles que zombam dos crentes. Se Deus afirmou alguma coisa, Ele certamente a realizará; e a possibilidade ou a probabilidade em relação a tal coisa é um assunto que não deve nos inquietar nem por um momento. A vinda de Cristo em poder, para julgar o mundo e reinar, não é menos improvável do que era a sua vinda para sofrer e morrer. Se Ele veio pela primeira vez, quanto mais devemos esperar que venha pela segunda vez. Se veio para ser pregado na cruz, quanto mais devemos esperar que Ele virá em glória, coroadado, em vestes reais. Ele o disse e o fará. As suas *“palavras não passarão”*.

Terminemos nossa meditação sobre estes versículos com uma profunda convicção de que o segundo advento de Cristo é uma das principais verdades do cristianismo. O Cristo em quem nós cremos não deve ser apenas Aquele que sofreu no Calvário, mas também o Cristo que virá novamente para, pessoalmente, julgar o mundo.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 5

## Dia

### Diante da Segunda Vinda de Jesus

Lucas 21.34-38

---

Estes versículos constituem a conclusão prática do grande discurso profético de nosso Senhor. Apresentam uma admirável resposta àqueles que condenam o estudo de profecias ainda não cumpridas, por considerarem-nas especulativas e sem proveito. Seria quase impossível encontrarmos uma passagem mais prática, direta, clara e perscrutadora do que essa que agora consideramos.

Primeiramente, esta passagem nos ensina o perigo espiritual ao qual estão expostos neste mundo os mais santos dos crentes. Nosso Senhor disse aos seus discípulos: *“Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que o vosso coração fique sobrecarregado com as consequências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço”*.

São palavras dignas de admiração. Não foram dirigidas aos fariseus lascivos, aos saduceus incrédulos ou aos devassos herodianos. Foram dirigidas a Pedro, Tiago, João e a todos os demais apóstolos, homens que haviam desistido de tudo por amor a Cristo e provado a realidade de sua fé por intermédio de sua obediência amorosa e resoluta apego ao seu Senhor. Foi a eles que o Senhor advertiu contra o perigo de seus corações ficarem sobrecarregados com as consequências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo. Foi para eles que Jesus disse: *“Acautelai-vos por vós mesmos”*.

Temos aqui uma exortação cujo propósito é nos ensinar a imensa importância da humildade. Não existe um pecado tão sério que um crente muito piedoso não possa cair nele. Não existe um crente tão espiritual que não esteja sujeito a cair em um pecado bastante grave. Noé escapou das contaminações do mundo antes do dilúvio, mas depois foi vencido pela embriaguez. Abraão foi o pai dos que têm a fé, mas por incredulidade declarou falsamente que Sara era sua irmã. Ló não participou da impiedade de Sodoma, mas, após sair daquela cidade, caiu em pecado na caverna em que se refugiou. Moisés era o homem mais manso da terra, mas perdeu de tal modo o autocontrole, que falou com ira e imprudência. Davi era o homem segundo o coração de Deus, mas se afundou em hediondo adultério. Esses exemplos são profundamente instrutivos. Todos demonstram a sabedoria da advertência de nosso Senhor nesta passagem e ensinam a nos cingirmos *“de humildade”* (1 Pedro 5.5). *“Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia”* (1 Coríntios 10.12).

Além disso, aprendemos sobre a grande importância de um espírito não centralizado nas coisas do mundo. As *“preocupações deste mundo”* são apresentadas lado a lado com as orgias e a embriaguez. Excessos no comer e beber não são os únicos que prejudicam a alma. Existe uma excessiva ansiedade pelas coisas inocentes da vida que tanto é prejudicial ao nosso progresso espiritual quanto é letal ao nosso homem interior. Nunca, nunca esqueçamos que podemos arruinar nossa alma por causa de coisas lícitas, assim como o podemos fazer por causa de pecados notáveis. Feliz é aquele que aprendeu a ser firme ao lidar com as coisas

deste mundo e a crer que, se buscar em primeiro lugar o reino de Deus, as demais “coisas (...) serão acrescentadas” (Mateus 6.33).

Em segundo, esta passagem nos ensina que a volta de nosso Senhor será repentina. Ele disse: “*Para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço. Pois há de sobrevir a todos os que vivem sobre a face de toda a terra*”. Assim como uma armadilha que apanha um animal de maneira inesperada; assim como o relâmpago que rebrilha no céu subitamente, antes que o trovão ressoe; assim como um ladrão que de maneira repentina à noite vem a uma casa, sem informar em que dia virá àquela casa, assim também, de modo repentino e instantâneo, acontecerá a segunda vinda do Filho do Homem.

O dia exato do retorno de nosso Senhor Jesus Cristo a este mundo foi propositadamente ocultado por Deus. “*A respeito daquele dia e hora ninguém sabe*” (Mateus 24.36). No entanto, em um aspecto todos os ensinamentos das Escrituras são claros e inconfundíveis: quando acontecer, a segunda vinda de Cristo será um evento inesperado e súbito. Os negócios no mundo continuarão se realizando normalmente. Assim como foi nos dias de Sodoma e nos dias antes do dilúvio, os homens estarão comendo, bebendo, casando e dando-se em casamento (Lucas 17.27). Poucos, mesmo entre os verdadeiros crentes, estarão completamente atentos a esse grande acontecimento, vivendo em um estado de completa expectativa. Num momento, em um piscar de olhos, cessará todo o curso da vida no mundo. O Rei dos reis aparecerá. Os mortos serão ressuscitados; os vivos, transformados. A incredulidade murchará. A verdade será descoberta por milhares, porém será tarde demais. O mundo com todas as suas trivialidades e sombras será colocado de lado; a eternidade será iniciada com todas as suas terríveis realidades. Tudo começará repentinamente, sem qualquer notificação, aviso ou preparativos. “*Para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço. Pois há de sobrevir a todos os que vivem sobre a face de toda a terra.*”

O servo de Deus certamente reconhecerá que só existe uma atitude digna daquele que crê nessas coisas: estar constantemente preparado para encontrar-se com Cristo. O evangelho não nos chama para abandonarmos nossas atividades terrenas ou negligenciarmos os deveres de nossas profissões; tampouco nos ordena a sermos eremitas ou vivermos como frades e freiras. O evangelho nos ordena a viver como pessoas que esperam o retorno de seu Senhor. Arrependimento para com Deus, fé no Senhor Jesus, santidade de vida são as únicas atitudes exigidas em nosso preparo para o encontro com Cristo. Aquele que por experiência própria conhece essas coisas está sempre pronto para encontrar-se com seu Senhor.

Por último, esta passagem nos ensina os deveres especiais do crente que aguarda o segundo advento de Cristo. Nosso Senhor sintetizou-os em dois importantes assuntos: vigília e oração. Ele disse: “*Vigiai, pois, a todo tempo, orando*”. Temos de vigiar, vivendo como soldados que estão atentos no território do inimigo. Devemos recordar que o mal está perto de nós e em nosso íntimo, que temos de lutar todos os dias contra um coração traçoeiro, um mundo repleto de armadilhas e um diabo bastante ativo. Lembrando-se disso, precisamos vestir toda a armadura de Deus e acautelarmo-nos do entorpecimento espiritual. “*Assim, pois, não durmamos como os demais; pelo contrário, vigiemos e sejamos sóbrios*” (1 Tessalonicenses 5.6).

Temos de orar sempre, mantendo o constante hábito da oração genuína, com toda a seriedade. Precisamos falar com Deus todos os dias, cultivando a comunhão diária com Ele no que se refere às nossas almas. Devemos orar para que recebamos graça, a fim de nos desembaraçarmos de todo peso e rejeitar tudo que possa interferir em nossa prontidão de ter comunhão com nosso Senhor. Acima de tudo, precisamos vigiar com um zelo santo nossos hábitos devocionais e ser cuidadosos em não apressar ou encurtar nossas orações.

Terminemos nossas considerações sobre esta passagem com a firme determinação de que, com a ajuda de Deus, agiremos de acordo com o que acabamos de ler. Se cremos que o Senhor Jesus voltará, preparemo-nos para encontrá-lo. *“Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes”* (João 13.17).

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 6

## Dia

Lucas 22.1-13

### A Preparação da Páscoa

Estes versículos iniciam os capítulos em que Lucas relata os sofrimentos e a morte de nosso Senhor. Temos aqui a parte mais importante do evangelho. A morte de Cristo consiste em vida para o mundo. Ainda que os escritores dos evangelhos descrevam bem este fato da vida de nosso Senhor, nenhum escreve com tantos detalhes como os que encontramos nesta passagem. Somente dois dos evangelistas narram o nascimento de Cristo, mas todos eles contam minuciosamente os fatos sobre sua morte. E, de todos eles, nenhum outro nos fornece tantos detalhes completos e interessantes quanto Lucas.

Primeiramente, vemos nestes versículos que altas posições no ministério da igreja não protegem aqueles que as ocupam contra a cegueira espiritual e o pecado. Somos informados que *“preocupavam-se os principais sacerdotes e os escribas em como tirar a vida a Jesus”*. O primeiro passo em direção a matar Jesus foi tomado pelos ensinadores religiosos da nação de Israel. Os homens que deveriam ter recebido com alegria o Messias foram os mesmos que conspiraram para tirar-lhe a vida. Os pastores que deveriam ter se regozijado com o aparecimento do Cordeiro de Deus foram os principais em levantar sua mão contra Ele. Assentavam-se na cadeira de Moisés, reivindicavam ser *“guias de cegos”* e *“luz”* dos que se encontravam em *“trevas”* (Romanos 2.19). Pertenciam à tribo de Levi. Em sua maioria, eram descendentes diretos e sucessores de Arão. Apesar disso, foram os mesmos homens que crucificaram o Senhor da glória. Com todo o seu conhecimento vanglorioso, eram muito mais ignorantes do que os poucos pescadores galileus que seguiam a Cristo.

Acautelemo-nos de atribuir excessiva importância aos ministros religiosos por causa de seu ofício. Cargos e posições não eximem de erro qualquer pessoa. As maiores heresias foram semeadas e graves abusos práticos foram introduzidos no cristianismo por homens de posição religiosa. Sem dúvida, o respeito deve ser tributado àqueles que ocupam posições elevadas. A ordem e a disciplina não podem ser negligenciadas. Não devemos levemente rejeitar o ensino e o conselho procedentes de ensinadores especificamente designados para isso. No entanto, existem limites que não podem ser ultrapassados. Não devemos permitir que o cego nos conduza ao abismo. Não podemos permitir que os principais sacerdotes e escribas modernos nos façam crucificar novamente a Cristo. Devemos julgar todos os ensinadores por meio do infalível padrão da Palavra de Deus. Pouco nos deve importar quem está afirmando alguma coisa sobre assuntos espirituais; o que realmente deve nos preocupar é o que está sendo afirmado. É bíblico? Corresponde à verdade? Estas são as únicas perguntas. *“À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva”* (Isaías 8.20).

Em segundo, vemos nestes versículos quão profundamente uma pessoa pode cair depois de ter feito uma sublime confissão a respeito de Cristo. Somos informados que o segundo passo em direção à morte de nosso Senhor foi a traição de um dos seus doze apóstolos. *“Satanás entrou em Judas, chamado Iscariotes, que era um dos doze.”* É uma afirmativa peculiarmente alarmante. Ser tentado por Satanás é algo ruim. Ser peneirado,



afligido e levado cativo por ele é algo realmente terrível. Mas, quando o diabo entra e habita em uma pessoa, ela se torna um verdadeiro filho do inferno.

Judas Iscariotes deve ser um permanente aviso para a igreja de Cristo. Ele, precisamos lembrar, era um dos apóstolos escolhidos por Cristo. Seguiu nosso Senhor durante tudo o seu ministério; abandonou tudo por causa de Jesus. Ouviu suas pregações, contemplou seus milagres. Pregou e falou como qualquer outro dos apóstolos. Nada o distinguiu de Pedro, Tiago e João. Jamais seria suspeito de ter um coração impuro. No entanto, Judas, por fim, se mostrou um hipócrita, traiu seu Senhor, ajudou seus inimigos, entregando-o à morte; e ele mesmo morreu como um *“filho da perdição”* (João 17.12). São coisas terríveis, mas verdadeiras.

A recordação de Judas Iscariotes deve constranger todo crente professo a orar muito, suplicando humildade. Digamos sempre: *“Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos”* (Salmo 139.23). No máximo, temos uma pobre concepção do engano de nosso próprio coração. É mais extenso do que podemos imaginar o ponto em que uma pessoa pode avançar em seu cristianismo e, apesar disso, estar sem a graça divina em seu coração.

Em terceiro, vemos nestes versículos o enorme poder do amor ao dinheiro. Quando Judas dirigiu-se aos principais sacerdotes e se ofereceu para trair seu Mestre, *“eles se alegraram e combinaram em lhe dar dinheiro”*. Essa pequena sentença revela o segredo da queda de um homem ímpio. Ele amava o dinheiro. Sem dúvida, Judas ouvira a solene advertência de nosso Senhor: *“Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza”* (Lucas 12.15), mas ele a esqueceu ou não lhe prestou atenção. A avareza foi a rocha que o fez naufragar, foi a ruína de sua alma.

Não admiremos que Paulo qualificou o amor ao dinheiro como a *“raiz de todos os males”* (1 Timóteo 6.10). A História da Igreja está repleta de dolorosas provas de que o amor ao dinheiro é uma das armas prediletas de Satanás para corromper e arruinar aqueles que professam o cristianismo. Geazi, Ananias e Safira são nomes que naturalmente surgem em nossa mente. Mas, dentre todas as provas, não existe qualquer outra tão melancólica quanto à pessoa de Judas Iscariotes. Por dinheiro, um homem escolhido para ser apóstolo vendeu o melhor e mais amável dos senhores. Por dinheiro, Judas Iscariotes traiu o Senhor Jesus Cristo.

Vigiem e oremos contra o amor ao dinheiro. É uma enfermidade sutil e, com frequência, está mais perto de nós do que imaginamos. O pobre se encontra tão sujeito a esse tipo de amor quanto o rico. É possível alguém amar o dinheiro, ainda que não o tenha, ou tê-lo sem que o ame. *“Contentai-vos com as coisas que tendes”* (Hebreus 13.5). Não sabemos o que seremos capazes de fazer se repentinamente nos tornarmos ricos. É admirável que existe somente uma oração em todo o livro de Provérbios e que, nela, uma das três súplicas é a sábia petição: *“Não me dêis nem a pobreza nem a riqueza”* (Provérbios 30.8).

Por último, vemos nestes versículos a íntima conexão entre a morte de nosso Senhor e a festa da Páscoa. Quatro vezes somos recordados que a noite anterior à crucificação de Jesus era a ocasião da grande festa dos judeus. Aquele era o dia da Festa dos Pães Asmos e o Cordeiro Pascal teve de ser imolado.

Não podemos duvidar que a hora da crucificação de nosso Senhor foi controlada por Deus. Sua perfeita sabedoria e seu poder controlador dispuseram as coisas de modo que o Cordeiro de Deus morresse na mesma ocasião em que o cordeiro pascal era imolado. A morte de Cristo foi o cumprimento da Páscoa, pois Ele era o verdadeiro sacrifício que o cordeiro pascal estivera indicando desde a sua instituição. Aquilo que a morte do cordeiro significou para Israel no Egito era o mesmo que significaria a morte de Cristo para os pecadores no mundo inteiro. A segurança que o sangue do cordeiro da Páscoa providenciou para Israel era o mesmo que o sangue de Cristo providenciaria em maior abundância para todos os que nele creiam.

Nunca esqueçamos o caráter sacrificial da morte de Cristo. Rejeitemos com aversão a ideia moderna de que a morte de Cristo não passou de um poderoso exemplo de renúncia e autossacrifício. Sem dúvida, foi isso também, porém foi algo mais sublime, mais profundo e mais importante do que isso. A morte de Cristo foi uma propiciação pelos pecados do mundo. Foi uma expiação pelo pecado do homem; foi a morte da verdadeira Páscoa, por meio da qual a destruição eterna foi afastada de todo aquele que nele crê. Disse o apóstolo Paulo: *“Cristo, nosso Cordeiro Pascal, foi imolado”* (1 Coríntios 5.7). Apeguemo-nos com firmeza a essa verdade e jamais a abandonemos.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?



# 7

## Dia

### A Instituição da Ceia do Senhor

Lucas 22.14-23

---

Estes versículos contêm o relato de Lucas sobre a instituição da Ceia do Senhor. É uma passagem que todo verdadeiro crente deve sempre ler com profundo interesse. Quão admirável é o fato de que uma ordenança tão simples, quando foi inicialmente instituída, tenha sido obscurecida e mistificada pelas ideias dos homens. Que triste prova da corrupção humana é o fato de que uma das mais desagradáveis controvérsias que perturbou a igreja se refere à Ceia do Senhor. Grande, sem dúvida, é a ingenuidade dos homens em perverter os dons de Deus. A ordenança que deveria resultar em bênção para as pessoas, com frequência se torna um motivo de tropeço.

Devemos observar nestes versículos que o principal objetivo da Ceia do Senhor é recordar ao crente a morte de Cristo em favor dos pecadores. Ao instituir a Ceia, Jesus claramente disse aos discípulos que deveriam realizá-la *“em memória”* dele. Em outras palavras, a Ceia do Senhor não é um sacrifício; é uma ordenança eminentemente comemorativa.

O pão que o crente come na Ceia tem o propósito de recordar o corpo de Cristo morto na cruz em favor do pecador e o vinho bebido na Ceia visa recordar o sangue de Cristo derramado para fazer expiação pelos pecados do crente. Toda a ordenança da Ceia foi designada para manter vivo na memória o sacrifício de Cristo na cruz e a satisfação que esse sacrifício proporcionou pelos pecados do mundo. Os dois elementos, o pão e o vinho, são símbolos vivos destinados a proclamar Cristo crucificado como nosso substituto. Constituem um sermão visível que apela aos sentidos do crente, ensinando a antiga verdade fundamental do evangelho - a morte de Cristo na cruz é vida para a alma do homem.

Faremos bem se conservarmos com firmeza em nossa mente um ponto de vista simples a respeito da Ceia do Senhor. Não há dúvida de que encontramos uma bênção especial na correta celebração da Ceia do Senhor, bem como em toda utilização correta das ordenanças designadas por Cristo. Mas temos de negar com determinação a afirmativa de que, exceto por meio da fé, existe qualquer outro meio pelo qual podemos comer o corpo e beber o sangue de Cristo. Aquele que se aproxima da Mesa do Senhor crendo em Cristo pode esperar com confiança que sua fé crescerá ao receber o pão e o vinho. Entretanto, aquele que se aproxima sem fé não tem o direito de esperar receber qualquer bênção. Vazio ele veio à ordenança, vazio ele sairá.

Quanto menos mistério e obscuridade atribuirmos à Ceia do Senhor, tanto melhor ela será para nossa alma. Devemos rejeitar com desprezo a ideia antibíblica de que a Ceia é uma oblação ou um sacrifício; temos de repelir a noção de que o pão e o vinho se transformam e o conceito de que o receber a Ceia de maneira formal trará alguma bênção à alma. Devemos nos apegar com firmeza ao grande princípio estabelecido em sua instituição, ou seja, a Ceia é eminentemente uma ordenança comemorativa e não obteremos qualquer benefício se a

recebermos sem fé e sem uma grata recordação da morte de Cristo. As palavras de um catecismo são verdadeiras e sábias: *“A Ceia do Senhor foi ordenada com o propósito de lembrar constantemente o sacrifício da morte de Cristo”*. E a afirmativa dos artigos desse catecismo é clara e simples: *“A fé é o meio pelo qual o corpo de Cristo é recebido”*. A exortação do Livro de Orações destaca apenas uma maneira pela qual podemos nos alimentar de Cristo: *“Alimentemo-nos dele pela fé, em nosso coração, com ações de graça”*. Por fim, e não menos importante, a seguinte advertência é muito instrutiva: *“Tenhamos cuidado para que o ato memorial não se torne um sacrifício”*.

Observemos que a celebração da Ceia do Senhor é uma obrigação de todos os verdadeiros crentes. As palavras de nosso Senhor em referência a este assunto são diretas e enfáticas: *“Fazei isto em memória de mim”*. Supor, assim como alguns o fazem, que elas constituem uma exortação dirigida exclusivamente aos apóstolos e a todos os que ministram a Ceia do Senhor é uma interpretação completamente insatisfatória. O sentido óbvio das palavras é um preceito geral para todos os discípulos de Cristo.

A ordem de Jesus tem sido ignorada em terríveis proporções. Milhares de membros de igrejas cristãs não participam da Ceia do Senhor. Talvez eles se envergonhem de saber que transgrediram algum do Dez Mandamentos; todavia, não percebem que estão desobedecendo uma ordem clara do Senhor Jesus. Essas pessoas parecem imaginar que não é um pecado grave não ser um participante da Ceia do Senhor. Parecem completamente inconscientes de que, se vissemos nos dias dos apóstolos, não seriam reconhecidas como verdadeiros cristãos.

Evitaremos o cometer erros, se tratarmos com cautela o assunto da Ceia do Senhor. Não devemos esperar que toda pessoa batizada receba a Ceia somente por uma questão de formalidade. Ela é uma ordenança instituída para aqueles que estão espiritualmente vivos e não para os que estão mortos em seus pecados. Mas, quando percebemos que um grande número dos membros das igrejas não participam da Ceia do Senhor, torna-se evidente que existe algo bastante errado na condição espiritual ou uma apatia insensível em relação a um preceito divino. Quando milhares de pessoas batizadas desobedecem a ordem de Cristo, podemos estar certos de que elas estão desagradando a Cristo.

A nossa atitude para com a Ceia do Senhor é um assunto que deve nos preocupar. Deixamos de participar da Ceia do Senhor, fundamentados no conceito vago de que não existe uma grande necessidade para que a recebamos? Se admitimos essa opinião, é melhor que a abandonemos imediatamente. Não devemos brincar dessa maneira com um preceito claro do próprio Filho de Deus. Não participamos da Ceia do Senhor porque não estamos preparados para recebê-la? Se esta é a nossa situação, devemos entender plenamente que estamos despreparados para morrer. Se não estamos preparados para receber a Ceia do Senhor, isto significa que estamos despreparados para o céu, para o Dia do Juízo e para o encontro com Deus. Com certeza, esta é uma situação muito séria. Mas as palavras de Jesus são evidentes. Ele nos deu um mandamento claro. Se o desobedecemos voluntariamente, estamos em perigo de perder a nossa comunhão com Ele. Se não estamos prontos a participar da Ceia do Senhor, temos de nos arrepender sem demora.

Por último, observamos nestes versículos quem eram os participantes quando houve a instituição da Ceia do Senhor. Eles não eram todos santos, tampouco eram todos crentes.

Lucas nos mostra que Judas Iscariotes, o traidor, estava entre eles. As palavras de nosso Senhor não admitem qualquer outra interpretação. Ele disse: *“A mão do traidor está comigo à mesa”*.

A lição transmitida aqui é profundamente importante. Ela nos mostra que não devemos considerar todos os que recebem a Ceia como crentes verdadeiros e sinceros servos de Cristo. O bem e o mal podem achar-se lado a lado na realização dessa ordenança. Nenhuma disciplina eclesiástica pode impedir que isso aconteça. A lição nos revela ser tolice deixar de participar da Ceia do Senhor, porque alguns que a recebem não são convertidos, e que é imprudência abandonar a comunhão da igreja somente porque alguns de seus membros não se mostram sadios na fé. O trigo e o joio crescerão juntos até à colheita. O próprio Senhor Jesus tolerou Judas Iscariotes quando realizou a primeira Ceia. O servo de Deus não pode desejar ser mais exclusivista do que seu Senhor. Ele deve julgar seu próprio coração e deixar que os outros respondam por si mesmos a Deus.

E se não participamos da Ceia do Senhor, perguntemos a nós mesmos: *“Por que não?”* Que motivo satisfatório podemos apresentar por negligenciarmos um mandamento claro do Senhor Jesus? Não descansemos até que sejamos capazes de encarar esta indagação. Se participamos da Ceia do Senhor, tenhamos cuidado para que a estejamos recebendo com dignidade. *“As ordenanças de Cristo têm um efeito e um resultado saudável naqueles que os recebem com dignidade.”* Frequentemente, devemos perguntar a nós mesmos se nos arrependemos, se cremos em Jesus e se estamos nos esforçando para viver em santidade. Vivendo desse modo, não precisamos ter receio de comer o pão e beber o cálice dos quais nosso Senhor ordenou que participássemos.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?